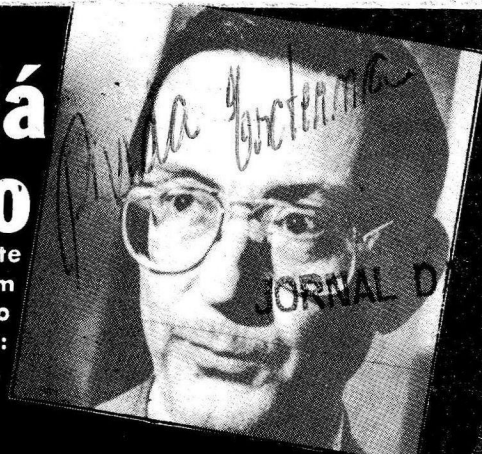


Bill Rhodes já levanta o dinheiro

São os US\$ 3 bilhões da parte dos bancos credores, no acordo com o Brasil. O presidente do comitê (foto) está otimista: "Em cinco anos e meio, nunca falhei".



O presidente do comitê de bancos credores do Brasil, William Rhodes, indicou, numa conversa informal com repórteres, em Washington, que está conseguindo reunir os US\$ 3 bilhões que são a parte sob sua responsabilidade no acordo preliminar concluído com o governo brasileiro, em Nova York, no começo deste mês.

Bill Rhodes, como é chamado, também disse que no próximo dia 26 — Dia de Ação de Graças — vencerá o prazo para que os bancos ganhem uma taxa de 1/8 extra no spread, aderindo ao novo pacote brasileiro.

Mas não haverá dificuldades para coletar os US\$ 3 bilhões até o dia 8 de dezembro, que é um prazo a ser cumprido pelo comitê de bancos credores. Como disse Bill Rhodes, "em cinco anos e meio, nunca falhei". Ele já conversou com bancos suíços, ingleses, franceses e canadenses, e pôde então anunciar: "Estou otimista".

Os US\$ 3 bilhões, com mais US\$ 1,5 bilhão do Brasil, saldarão os juros atrasados com a moratória

brasileira, sendo desembolsados em duas parcelas. Primeiro, o governo brasileiro entra com US\$ 500 milhões, e os credores, com US\$ 1 bilhão. Do lado internacional, Bill Rhodes está estimando a participação de 85 a 130 bancos, ou 85% dos credores — os restantes 15% são quase 500 bancos regionais.

Bill Rhodes não estava arredio e monossilábico com os repórteres, como quando em fases de negociações, porque o local do encontro foi a embaixada brasileira, em Washington, durante uma recepção para o presidente do Citicort, John Reed, que recebeu, com o diretor-presidente do **Jornal do Brasil**, Manuel Francisco do Nascimento Brito, o Prêmio Visconde de Cairu, que há oito anos é oferecido pela Varig, anualmente, a dois empresários, um brasileiro e outro estrangeiro.

Reed agradeceu o prêmio com um pequeno discurso em que lembrou sua passagem pelo Brasil, dos 11 aos 13 anos. "Andava de bicicleta nela Avenida Paulista, e lá só

tinha casas..." Mas ele também lembrou os "laços históricos" que o Citicorp mantém com o Brasil olhando então para um de seus diretores, o ex-ministro da Fazenda Mário Henrique Simonsen, que participou da comissão que escolheu os premiados deste ano.

No livro sobre o Prêmio Visconde de Cairu distribuído após a premiação, uma declaração de John Reed chama a atenção:

"Se me dessem a escolha entre ver o Brasil com um bom programa econômico e o Citibank ser pago mais rapidamente, eu não hesitaria: prefiro o bom programa econômico, pois a longo prazo é melhor para o Brasil e para o banco".

No texto em que a frase é destacada, explica-se que "o aspecto central da posição defendida por Reed é de que é preciso normalizar as relações entre os países devedores e o mercado de créditos voluntários, permitindo este voltar a fornecer novos créditos às nações em desenvolvimento". E, num outro momento, acrescenta-se que "a

postura do Citicorp em relação ao Brasil apóia também a proposta da política do presidente Sarney de se converter parte do juros devidos pelo governo e iniciativa privada aos bancos estrangeiros em investimentos nas Bolsas de Valores".

Reed, em seu discurso, de improviso, e em inglês, embora se diga que ele se lembra ainda do português, falou que "as relações entre o Brasil e os Estados Unidos são fortes", dizendo que os dois países estão entrando "num período difícil e desafiador" — no caso dos Estados Unidos, por causa do déficit público.

Mas tanto ele quanto o Citicorp "confiam no Brasil", que situou como oitava economia mundial, e concluiu dizendo que as soluções aos problemas entre o governo brasileiro e os credores devem surgir dos "valores que estamos celebrando esta noite" — entre eles, a confiança e amizade.